

A LETRA E O LEITOR

Nelly Novaes Coelho

Recente publicação de Jacinto do Prado Coelho, Professor-Catedrático da Universidade de Lisboa, A LETRA E O LEITOR vem oferecer ao estudioso da Literatura Portuguesa, a oportunidade de tomar conhecimento demais de duas dezenas de essenciais estudos críticos, até o momento praticamente inacessíveis ao grande público brasileiro, por se acharem dispersos em jornais e revistas especializadas de rara circulação entre nós.

Inserida na Coleção "Problemas" da Portugália Editôra, de Lisboa, A LETRA E O LEITOR engloba vinte e três ensaios críticos, que versam sobre os mais variados temas, a propósito de autores de todas as épocas. Indo de Camões aos temas essenciais da Moderna Poesia Portuguesa, Jacinto de Prado Coelho desenvolve uma inteligente análise, no sentido peculiar ao seu estilo, ao qual suas obras anteriores já nos haviam habituado.

Referimo-nos ao sentido culturalista-estético-humanístico, ou melhor, à atitude crítica que interpreta a literatura como uma manifestação específica de uma irredutível essência humana, marcada por determinado momento cultural. É, pois, alicerçado em tais valores e evidentemente condicionado por uma atitude didática, que J. P. C. nos dá a sua visão, não de juiz, mas de "leitor culto". Procedo à arguta e metódica análise das obras em foco, iluminando os seus valores estéticos, e interpretando-os a partir de algo que lhes permanece subjacente: a essencialidade do Autor.

"Instintivamente", diz o ensaísta na introdução, "procuramos na obra uma presença mais íntima, mais funda, que passa a interessar-nos mais que a presença física. A leitura é uma busca dessa figura espiritual, dessa presença latente. Errado ou não, é um instinto tenaz; por isso o estruturalismo, com a supressão do autor, provoca reações tão vivas, tão dramáticas (...) Por mim, para além das virtualidades da linguagem literária, patrimônio comum, trazidos à luz na colaboração

do consciente com o inconsciente, o que continua a seduzir-me é a fisionomia única das obras dum autor — a individualidade literária, o quid “Garrett”, o quid “Pessoa”, inelutável como as impressões digitais”.

O que se positiva, pela leitura dos ensaios aqui reunidos é que exigentemente prêso ao texto literário, J. P. C. investiga-lhes exaustivamente as várias e complexas conotações e relações com o mundo e o momento em que foi criados, tendo como objetivo último atingir suas ligações essenciais com a personalidade que o concebeu. Não com o autor “biografado”, com o homem-artista fixado em suas relações com seus contemporâneos, mas sim com a “individualidade literária” latente na palavra artística. “Individualidade” cujo conhecimento pelo crítico dá, em última análise, àquela palavra a sua verdadeira dimensão ,explica-se ou amplia-se a compreensão.

“Examine-se, por exemplo, a propósito dessa inter-relação, obra-leitor-autor, os ensaios, “Camões: um lírico do transcendente”, “Bogace: a vocação do obscuro” ou “O *Húmrus* de Raul Brandão: uma obra de hoje” . . . estudos onde a leitura compreensiva dos textos literários se amplia com a apreensão da “figura espiritual” que os criou e que nêles permanece latente. A partir de uma facêta significativa do artista em questão, o crítico acrescenta mais uma dimensão a obras já tão exaustivamente estudadas através dos tempos. O que vem provar a “incessante mobilidade” da obra, mencionada na introdução, quando o ensaísta fala da natureza da obra literária.

“A letra adormece para acordar diferente. A obra literária (de *littera*) tem a vida que eu, leitor, lhe insufla, é na minha consciência que emerge do reino do nada, só ressucita quando volta a significar (*lato sensu*) e só significa mediante os leitores, um leitor”.

E é dessa inequívoca subjetividade, peculiar ao fenômeno literário, dentro da interpretação da J. P. C., que deriva sem dúvida a crise que hoje atinge a interpretação crítica da literatura, e que esta recente publicação nos trouxe à lembrança, exatamente por se colocar de maneira consciente num dos lados que se defrontam.

A grosso modo, a tão discutida crise da crítica literária (na esteira inevitável das demais “crises” de nossos tempos . . .) contrapõe duas atitudes radicais: a *humanista* (em suas várias gradações) que dá valor predominante ao Homem

que está latente na obra, e a *estruturalista* (também em suas várias faces) que procura apreender o “sistema” que explicaria o Homem. Decidir qual das duas é a mais válida, tendo-se em vista as atuais exigências da cultura, não é trabalho simples, nem fácil... pois não podemos perder de vista que nessa oposição não estão em jôgo apenas o prestígio das personalidades-líderes, tendências ideológicas ou atitudes que “estão na moda” ou “Estão ultrapassadas”... mas sim, diferentes “formas de compreensão” do mundo, o homem e de seu destino. Tôda interrogação sôbre o Homem leva necessariamente a uma interrogação sôbre a literatura.

A que aqui nos oferece J. P. C. desvenda a literatura como um específico ato criador, essencialmente humano. Embora fundamente consciente da irredutível interdependência letrador (cabendo ao último, como vimos, a decisiva dimensão da primeira), J. P. C. está longe, entretanto, de cair no impressionismo crítico a que essa valorização do leitor poderia levar. Interpretando o fato literário de maneira fundamentalmente globalizadora, J. P. C. procede à arguta análise das obras em foco, iluminando os seus valores estéticos e interpretando-os a partir de algo que lhes permanece subjacente: a essencialidade do autor. E mais, completa sua visão analítica pela “situação” da obra e de seu criador dentro da evolução cultural a que pertencem.

Com essa atitude crítica, J. P. C. oferece um eloquente exemplo da multiplicidade de aspectos que podem ser explorados na obra literária, tornando evidente o “caráter ambíguo, multilateral, do fenômeno literário, a natureza paradoxal da obra escrita que, desafiando o princípio da não-contradição, simultaneamente está e passa, diz e esconde, é uma totalidade aberta é individual e coletiva, fêz-se e nunca está feita — obrigando o leitor a uma incessante mobilidade”.

Como exemplo “mobilidade” de apresentação permitida pela obra literária, apresentam-se nesta coletânea, como já dissemos, reanalisados (e evidentemente não esgotados) autores sôbre os quais já tanto e tanto se escreveu e nos quais as gerações vindouras ainda muito terão que descobrir, pois como diz o crítico, “a obra literária tem a vida que eu, leitor, lhe insufla...”

Contrariando, pois, as imposições da mais recente atitudes crítica, a do estruturalismo que surgiu na esteira do formalismo russo (e que em suas formas mais extremas exclui da obra do seu criador), J. P. C. increve-se na corrente huma-

nista e conscientemente procura, como último e definitivo elo explicativo de sua própria reação em face da criação literária, a “voz” que a criou. E mais, dentro da posição culturalista que o alicerça, procura colocar criação e criador “em situação” dentro do processo evolutivo a que pertencem.

Resultado de um labor intelectual consciente e indisfarçavelmente vigilante, os ensaios ora enfeixados nesta coletânea, *A letra e o Leitor*, oferecem-se aos estudiosos de todos os níveis, como expressivo exemplo de equilíbrio crítico-analítico, em meio às complexas, díspares e, em grande parte, estéreis solicitações da crítica atual.

Seja como revelação de novas facetas das obras analisadas, seja como expressão de um inteligente e exigente crítico, a sua leitura meditada abre amplas perspectivas ao leitor preocupado em compreender o fenômeno literário português do passado ou do presente...